

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REOACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO.—A reforma pelo Jornal.—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin.—A hospitalidade no Brasil (uma excursão por minas).—Os relógios.—Não te rangues (Folhas soltas)—Sim, Não.—Rosa Branca. Jornal de uma costureira.—Revista de theatros.—Poesias, Sonhos sonhar accordado, Preludios, A um poeta.—Chronica elegante e Noticias à mão.

A reforma pelo jornal.

Houve uma cousa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vel-as, quando um seculo despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cupula do seu edificio que se desmoronava.

Com o jornal eram incompativeis esses parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leito de brasões. O jornal que tende á unidade humana, ao abraço commum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira. de papel, não, mas de intelligencias, de aspirações.

E' facil prever um resultado favoravel ao pensamento democratico. A imprensa que incarnava a idéa no livro, expendi eu em outra parte, sentia-se ainda assim presa por um obstaculo qualquer; sentia-se cerrada naquella esphera larga mas ainda não infinita; abriu pois uma repreza que a impedia, e lançou-se uma noite aquelle oceano ao novo leito aberto: o pergaminho será a atlantida submergida.

Por que não?

Todas as cousas estão em germen na palavra, diz um poeta oriental. Não é assim? o verbo é a origem de todas as reformas.

Os hebreus, narrando a lenda do Genesis, dão á creação da luz a precedencia da palavra de Deus. E' palpitante o symbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os cahos, e, cousa admiravel! sempre nasceu delle alguma luz.

A historia é a chronica da palavra. Moysés no deserto, Demosthenes, nas guerras hellenicas, Christo, nas synagogas da Galiléa, Huss, no

pulpito christão, Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado, levantado em todas as *confusões* da humanidade. A historia, não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples materia organizada, um ente superior na creação, a palavra foi sempre uma reforma. Fallada na tribuna é prodigiosa, é creadora, mas é o monologo; escripta no livro, é ainda creadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monologo; esculpida no jornal, é prodigiosa e creadora, mas não é o monologo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos principios dominantes. Desde que uma cousa é trazida á discussão, não tem legitimidade evidente, o nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora a discussão que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal é o que não convem exactamente á organização desigual e sinuosa da sociedade.

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, e o derramamento facil em todos os membros do corpo social. Assim, o operario que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquelle pão do espirito, hostia social da communhão publica. A propaganda assim é facil; a discussão do jornal, reproduz-se tambem naquelle espirito rude, com a differença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade infima, recebe, acceita, absorve sem labor, sem obstaculo aquellas impressões, aquella argumentação de principios, aquella arguição de factos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palacio que

se invado, um systema que cahe, um principio que se levanta, uma reforma que se corôa.

Malevola faculdade— a palavra!

Será ou não o escolho das aristocracias modernas, este novo molde do pensamento e do verbo?

Eu o creio de coração. Graças a Deus, se ha alguma cousa a esperar é das intelligencias proletarias, das classes intimas; das superiores, não.

As aristocracias dissolvem-se, diz um eloquente irmão d'armas. E é verdade. A acção democratica parece reagir sobre as castas que se levantam no primeiro plano social. Os proprios brasões já se humanisam mais, e alguns jogam na praça sem notarem que começam a confundir-se com as cazacas do agiota.

Causa riso.

Tremem pois, tremem com este invento que parece querer abranger os seculos — e rasgar desde já um horizonte largo ás aspirações civicas, ás intelligencias populares.

E se quizessem supprimil-o? Não seria mau para elles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base actual do primeiro throno da Europa.

Mas como! cortar as azas da aguiá que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressã, um commettimento parvo. Os pergaminhos já não são azas de Icaro. Mudaram as scenas; o talento tem azas proprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocraticas e as probidades civicas.

Procedem estas idéas entre nós? Parece que sim. E' verdade que o jornal aqui não está ainda na altura de sua missão; pesa-lhe ainda o ultimo elo. A's vezes leva a exigencia até á lettra maiuscula de um título de fidalgo.

Cortesania fina, em abono da verdade!

Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas acceito o destino colectivo da humanidade. Ha um polo attractante e phases a atravessar. — Cumpre vencer o caminho a todo o custo; no fim ha sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.

ff—ns.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

III.

A CARTA.

(Continuado do n. 7.)

Como é que M. Villenave tinha reunido aquella bella bibliotheca?

Como tinha feito aquella collecção d'autographos, unico no mundo dos colleccionistas?

Com o trabalho de toda a sua vida.

Primeiro que tudo, M. Villenave nunca tinha queimado um papel, nem rasgado uma carta.

Convocações para as sociedades scientificas, convites de casamentos, cartas de enterro, tudo guardára, coordenara e pozera em um lugar proprio.

Possuia uma collecção de cada cousa, até dos volumes que em 14 de Julho tinham sido arrancados meio-queimados ao fogo que os devorava no pateo da Bastilha.

Dois *busca-autographos* eram constantemente empregados por M. Villenave: um era um certo Fontaine que eu conheci, autor tambem de um livro intitulado *Manual dos autographos*; o outro era empregado do ministerio da guerra. Todos os especieiros de Paris conheciam estes dois infatigaveis visitantes, e lhes guardavam todos os papeis que compravam. Entre estes papeis faziam uma escolha que lhes custava a elles quinze seldos a libra, e a M. Villenave trinta seldos.

A's vezes M. Villenave em pessoa fazia seu giro. Não havia especieiro em Paris que o não conhecesse, e, assim que o visse, não reunisse para submeter á sua sabia investigação os saccos futuros.

Não é preciso dizer que os dias que elle sahia para os autographos, sahia tambem para os livros; então o infatigavel bibliophilo seguia a liuha do caes, onde, com as duas mãos enfiadas nos bolsos das calças, o alto corpo inclinado, e a bella cabeça intelligente allumiada pelo desejo, penetrava o olhar ardente no mais profundo das prateleiras, onde ia desencavar o thesozro desconhecido, folheando-o por alguns instantes: quando o livro era o que elle ambicionava, quando a edição era a que elle procurava, o livro deixava a loja do belchior, não para ir tomar lugar na bibliotheca de M. Villenave: lá já não havia lugar e á muito tempo; era preciso que uma troca com os desenhos ou com os autographos, creasse esse lugar ausente naquella mo-

mento; não, o livro ia tomar lugar no celeiro, dividido em tres compartimentos: o dos em oitavo á esquerda, o dos em quarto á direita, o o dos in-folio no meio.

Lá estava o cahos donde M. Villenave devia um dia fazer surgir um novo mundo; alguma Australia ou alguma Nova-Zelandia.

Entretanto estavam no chão uns por cima dos outros, jazendo em uma semi-escuridão.

Este celeiro era o limbo, onde estavam encerradas as almas, que Deus não manda nem para o céu nem para o inferno, por que tem seus projectos sobre ellas.

Um dia a pobre casa, sem motivo apparente, estremeceu até os alicerces, deu um grito e abriu diversas fendas; os habitantes espavoridos, pensaram que era um terremoto, e correram para o jardim.

Tudo estava tranquillo no ar e na terra; o chafariz continuava a correr no canto da rua; um passaro cantava no mais alto galho da arvore mais alta.

O accidente era parcial: vinha de uma causa secreta, incognita.

Mandou-se chamar o architecto.

O architecto examinou a casa, sondou e interrogou-a, e terminou declarando que o accidente não podia vir senão de um excesso de peso.

Por consequencia pediu para visitar os celeiros.

Mas apenas formulou este pedido, soffreu uma viva opposição da parte de M. Villenave.

Donde provinha esta opposição, que afinal teve de ceder á firmeza do architecto?

E' que M. Villenave sentia que seu thesouro enterrado, tanto mais precioso quanto lhe era desconhecido a elle proprio, corria grande perigo nesta visita.

Com effeito, só na camara do meio acharam-se mil e duzentos in-folios pesando cerca de oito mil libras.

Ah! esses mil e duzentos in-folios, que tinham feito a casa pender, e ameaçavam desabalar-a, foi necessario vendel-os.

Esta dolorosa operação teve lugar em 1822. E em 1826, quando eu conheci M. de Villenave, elle ainda não estava curado desta dor, e mais de um suspiro, cuja causa e fim a familia ignorava, ia ter com aquelles queridos in-folios, reunidos por elle com tanto trabalho, e agora, como filhos banidos do tecto paterno, errantes, orfãos e espalhados sobre a terra.

Já disse quanto me fôra agradável, boa e hospitaleira a casa da rua de Vaugirard, da parte de Mme. Villenave, porque era naturalmente affectuosa; da parte de Mme. Waldor, porque, como poeta, amava os poetas; da parte de

Theodoro Villenave, por que eramos ambos da mesma idade, dessa idade em que a gente tem necessidade de dar uma parte do seu coração e receber outra parte do coração dos outros.

Emfim da parte de M. de Villenave, porque sem ser um amator de autographos, eu possuia contudo, graças á pasta militar de meu pai, uma collecção de autographos bem curiosa.

Com effeito tendo meu pai occupado, de 1791 a 1800, elevados postos no exercito, tendo sido tres vezes general em chefe, tinha-se achado em correspondencia com tudo o que tinha representado um papel de 1791 a 1800.

Os autographos mais curiosos desta correspondencia eram os do general *Buonaparte*. Napoleão não conservou muito tempo este prenome italianisado. Tres mezes depois do 13 vendemiario elle afranceza o nome e assigna Bonaparte. Ora, meu pai tinha recebido neste periodo cinco ou seis cartas do joven general do interior. Fôra este o titulo que Napoleão tomára depois do 13 vendemiario.

Dei a M. Villenave um destes autographos, flanqueado de um autographo de Saint-Georges, e outro de Richelieu; e graças a este sacrificio, que era um prazer para mim, tive minha entrada no segundo andar.

Pouco a pouco fui-me tornando assaz familiar na casa para que Francisca não me annunciasse mais a M. Villenave; já subia só ao segundo andar. Batia á porta; abria assim que ouvia a palavra: Entre! e quasi sempre era bem recebido.

Digo quasi sempre porque as paixões tem suas horas de tempestade. Imaginai um amator de autographos, que esteve a chocar uma assignatura preciosa, uma assignatura no genero das de Robespierre, que não deixou mais que tres ou quatro; de Molière que não deixou mais que uma ou duas; de Shakespeare, que, segundo creio, não deixou nenhuma: pois bem! no momento de pôr a mão sobre esta assignatura unica ou quasi unica, esta assignatura escapa ao nosso colleccionista: eis-o naturalmente desesperado!

Entraí-lhe em casa n'um momento d'estes; fosseis seu pai, fosseis seu irmão, fosseis um anjo, e verieis como haviéis de ser recebido; a menos que esse anjo, por seu poder divino, faça viver, ou desdobre essa assignatura unica.

Eis os casos excepcionaes em que eu seria mal recebido em casa de M. Villenave. Em qualquer outra occasião estava certo de achar um semblante gracioso, um espirito facil, e uma memoria complacente, mesmo durante a semana.

Digo durante a semana, porque o domingo era consagrado, em casa de M. Villenave, as visitas scientificas.

Tudo o que havia de bibliófilos estrangeiros, amadores de autographos cosmopolitas, que vinham a Paris, não voltavam sem fazer uma visita a M. Villenave; como os vassallos vão render homenagem ao seu suzerano.

(Continua.)

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

IV.

A narração sem duvida parecia interessante ao capitão, pois dava mostras de não perder uma palavra.

O acolito sim, fingia uma compunção jesuitica, que não me escapou, apesar da minha inexperiencia do mundo.

Creio já ter dito que a familia do fazendeiro nunca apparece ao viajante: e é justo. Quem sabe lá se hospeda um homem honesto ou um troca-lintas?

Assim, esta reserva tão geralmente censurada merece da nossa parte plena approvação.

Mas, ou fosse mera curiosidade, alias muito natural, ou soasse lá por dentro que os viajantes eram tres meninos — por força o José havia de exagerar — o caso é que em quanto eu fallava sentia do lado do corredor o ruido que fazem diversas pessoas occultas, quando querem ouvir sem serem vistas, e algum mais imprudente tem uma maldita vontade de rir, que faz o desespero do mais attento.

Este ruido parecia approximar-se da sala; e depois de uma especie de contestação, donde me pareceu ouvir distinctamente estas palavras: — pois espia vossê, Antonio —: um são-benedictosinho de tres a quatro annos, em fraldas de uma camisa, cuja cor não se differenciava muito da do chão, sahio engatinhando da porta do corredor, e depois de olhar para os diversos personagens que estavam em scena, recolheu-se aos bastidores sem fazer o minimo estrepito.

O orador, que tinha todos pendentes dos seus labios, inclusive os companheiros, como por inspiração guardou-se bem de olhar para o lado do corredor.

Com effeito o seu olhar attrahiria immediatamente para alli mais quatro olhares, e a consequencia seria que os curiosos, como passarinhos sorprendidos a furtar arroz por debaixo da porta do paiol, voariam para dentro, e o que é mais ainda, o capitão levantar-se-ia e a porta do corredor, girando sobre as dobradiças, traria-me logo á memoria aquellas palavras desesperadoras que todos sabem mesmo sem ter lido Dante: *Inscrite ogni speranza!*

Ora era isto que eu tentava em meu tempo tran-

sudava já pela fronte em callidas bagas de suor, apesar do frio que fazia.

Não durou muito a minha anciedade.

O pequeno espião dera sem duvida uma relação exacta das posições das personagens.

O Sr. Lopes (era assim que todos o chamavam) que era talvez o que fôra observado com maior cuidado, estava exactamente de costas para o lado do corredor: o capitão, que apesar do esmero com que ouvia, não deixava, em qualidade de perfeito fumante, apagar seu cigarro de palha, das dimensões de um charuto *havaneiro*, dava o flanco esquerdo para a porta: o orador, sem estar defronte, pois que a porta era contigua á parede lateral esquerda, e elle estava muito á direita encostado á parede exterior, era contido o que podia ver tudo sem mover a cabeça.

De repente uma gargalhada quasi simultanea partio dos labios do attento auditorio.

Quando cahi em mim já era tarde; tinha dito uma meia duzia de disparates, segundo depois me contou meu mano: este por exemplo:

— A proposito, não atalhando... dissera o Sr. Lopes, os meninos devem estar com uma fome canina?...

— Oh! como é linda! respondera eu.

— Sim, ha de ser bonita, desenbuchara emfim o capitão.

— Mas apesar de achal-a tão linda, Deus o livre que o Sr. capitão o casasse com ella, que diz, hein?... tornou o Sr. Lopes.

— Oh! se elle consentisse!...

— Patrãozinho, ôie que cô comida não se brinca... disse o feitor, um pouco atemorizado com a idéa de passar sem cêa.

Ao estrondo das risadas que o seu ar assustado despertara, eu perguntara: O que é, o que é? Felizmente, até o proprio Sr. Lopes interpretara a minha perturbação pela vivacidade com que eu contava a nossa historia e não lhe atinou com o verdadeiro motivo.

Sabeis o que era? ainda hoje a tenho na memoria. Imaginai um retrato de Rafael animado, vivificado por um sopro divino; o seu rosto não vos dará idéa do rosto que se destacára do portal, e se conservára por alguns minutos a olhar para os estrangeiros: que cabellos louros, que boca, que collo, que bellos olhos!

Mas, dois minutos depois tudo desaparecera. A visão evaporou-se: o riso cessou.

Depois de pequena pausa:

— Mas quem é vosso pai, que vós procurais? disse o Sr. Lopes, querendo inculcar que tivera suas lambugens de Telemaco.

— Nosso pai é T. C. de Sousa.

O estalar de um raio não produziria maior effeito do que a simples enunciação deste nome naquella casa.

O capitão deixou cair o cigarro, e olhou para a parede onde estavam as fouces: o Sr. Lopes levantou-se como um boneco de molas, e começou a passear, passando a mão pela calva.

O capitão olhando para a porta e vendo um moleque a espiar, bradou-lhe com uma voz do estentor, em que se manifestava toda a sua colera:

— Sahe p'ra dentro, moleque!... Sr. Lopes, faça favor...

E os dois entraram para o corredor, deixando-nos petrificados na sala.

B.

(Cont.)

Os relógios.

A data da invenção dos relógios ou chronometros de algibeira ainda é hoje desconhecida. A opinião mais em voga a faz descer ao seculo XV.

Em 1380 a Carlos V foi offerecido um que não era maior do que uma amendoa.

Em 1500 já fabricavam-se em Nuremberg alguns que não eram maiores do que um ovo, tendo mesmo por esse motivo a denominação de ovos de Nuremberg.

Em 1542 o duque de Urbino, Ubaldo Rovera, foi presenteado com um pequeno relógio engastado em um anel.

Henrique VIII, de Inglaterra, possuia um que trabalhava por oito dias sem necessitar de corda. Não padecemos duvida que a relojoaria já naquelle tempo produzia essas raridades; o que porem deve-se presumir é, que muito irregulares deviam ser aquelles relógios em consequencia da falta da espiral, mais tarde inventada por Huyghens.

Os relógios do XVI seculo são quasi todos de caixa de ouro esmaltado, com mostrador de cobre dourado assente sobre o fundo de prata em forma de uma roda.

No reinado dos Valois havia-os de todos os tamanhos, uns achatados e outros de forma oval. Alguns tinham a forma de uma cruz de Malta.

Os relógios mais usados pela classe media e pelos operarios eram de cobre mui espesso e quasi esphericos. Desta forma ainda se viam alguns relógios nos primeiros tempos do reinado de Luiz XIV. Que differença não ha entre esses instrumentos pesados e tão faltos de elegancia e os nossos relógios modernos tão simples e ao mesmo tempo elegantes, precisos e solidos! Mas para chegar-se a esta perfeição quanto trabalho, quantas invenções e quanta habilidade!

A descoberta do isochronismo com as oscillações do pendulo por Galileo servio de ponto de

partida para o progresso da relojoaria. Huyghens fecundou a applicação. Lembrou-se de aiaptar uma lamina delgada á peça de escapamento dos relógios fixos e fez a mola spiral como motora dos instrumentos destinados a serem transportados. Deve-se-lhe tambem a descoberta dos relógios nauticos que servem a bordo dos navios.

O primeiro relógio de repetição foi inventado em Inglaterra em 1676 por Burrow. Carlos II fez presente de um a Luiz XIV.

O conhecimento desta arte, na qual os suissos deviam avantajarse, foi introduzido em Genova em 1587 por um francez, Carlos Cuzin d'Autun.

A Inglaterra e a Suissa fabricavam no XVII seculo os relógios mais estimados. A Inglaterra seguia-se a Allemanha, a Hollanda e depois a França, que só no seculo XVIII conseguiu rivalisar com aquella primeira nação, á qual já hoje excede.

Vers.

Não te zangues!

(Folha solta.)

Quando ao calor do fogo das paixões meu coração de quinze annos despertou-se voluptuoso e tímido no mimoso leito do somno da innocencia;

Quando ao acordar-me—homem—queimaram-se-me os olhos na luz de uns olhos verde-garços de donzella pallida, eu fiz uns versos!—Foram elles uns longes de poesia mystica, como os canticos de um'alma crente que scisma venturas d'alem dos céos!...

E fiz uns versos; mas uns versos de donzella que se perturba com a lembrança dos sonhos que sonhou... talvez de beijos!

E de facto, eu era, meu Deus, muito innocente ainda!

Minh'alma—longe das fezes da descrença—dormia, sonhando—leda, infantil—as fagueiras illusões da vida.

A' sombra doce das brancas azas dos amores, eu cantava o que sentia, cantava amores!!

O tempo passou, passou depressa: e ella! ahi era uma perdida... trahiui-me!...

Um dia, na flamma de meu candeeiro queimei tudo, tudo o que havia escripto nos meus dias de mancebo.... não! no fundo de minha carteira ainda restava um papel! Fôra elle consagrado a minha mãe!

Era um canto—A saudade—que na ausencia della ensinára-me—saudoso—o coração! Por sua vez tambem foi queimado: não pelas chammas violentas, mas pelo calor de meus labios incendidos n'um mortal delirio!...

Desde então, cantei, cantei muito! mas foram uns cantos tão puros... tão innocentes como, talvez, os que se cantam nos céos!

Hoje, que minhas dores se acabaram; hoje, que não

tenho fogo no coração tão forte que m'o resseque, se uns olhos de virgem pallida se fitam em mim com essa languidez voluptuosa com que nos seduz e mata, eu lhe respondo apenas com estas palavras: — Mulher, já não posso amar-te!

1859.

Ladislao Netto.

Sim Não.

Sim é uma palavra divina.

Sim é o som harmonioso, que sahe dos lábios da mulher que se ama, é a expressão mimosa da criança, quando lhe pedimos um beijo; é um monosyllabo encantador.

Sim é o *flui* para aquelle que pede e supplica, é a voz do anjo, que concede uma graça, que enxuga uma lagrima, que livra um condemnado.

Sim é a palavra ouvida com enthusiasmo pelo homem que ama, pelo desgraçado que chora, pelo infeliz que geme.

Sim é o monosyllabo dos anjos, é a expressão querida de Deus.

Sim é uma palavra do coração, é um hymno de graças, é uma oração resumida, é a luz do condemnado, é a esperança do pobre.

Sim é a palavra das noivas junto do altar, é um monosyllabo do céu; é a expressão escripta por Deus.

Não — foi a primeira expressão inventada por Belzebuth.

Não é a palavra do egoista, é a resposta do máo, é a linguagem do avaro.

Não é a condemnação daqu'elle que pede, é o castigo do desgraçado, é a sentença do infeliz, é a maldição do amor.

Não é a estalua de Saís, que desmão aos que a encaram, é o vento Soão dos desertos da Africa, que soffoca e queima, é o gello dos pollos, que petrifica e mata.

Não é um synonymo de maldição.

Não é o monosyllabo, que mata o amante, que desespera o infeliz; é a algema do condemnado.

O Padre Vieira diz: « Por mais que confidéis, um não sempre amarga, por mais que o enfiáteis sempre é feio, por mais que o douraís sempre é de ferro. »

Não é uma expressão que os anjos ignoram, é o sopro do inferno, que apaga a luz da esperança, é o despacho do algez, é a palavra favorita dos Heros e Calígulas.

Não é a opposição da supplica, é a resposta daquelle que não sabe enxugar uma lagrima, que amaldiçoa a desgraça, que não attende aos gemidos.

Não é a palavra do desercante: foi a resposta que Colombo recebeu de muitos soberanos, quando lhes foi pedir navios para lhes descobrir um mundo novo.

Sim é a imagem do perdão, da felicidade, é o arcanjo de bonança, é a consolação da supplica, é o pho-

da bondade, é a lampada de Aladino: não é o reverso da medalha, é a noite do condemnado, é a nuvem da desgraça, é a morte da petição.

M. de Azevedo.

Rosa branca.

Jornal de uma costureira.

(Fragmento.)

§

Eu tenho uma roseira branca junto á janella do sótão em que habito.

Quando minhas faces eram rosadas, quando nellas pareciam desabrochar essas flores rubicundas ao brilho de uns olhos audazes, eu amava as rosas encarnadas.

Mas depois que vi meu semblante empallidecido e descoradas as minhas faces, comeccei a amar a rosa branca.

Por isso era meu primeiro cuidado de manhã regar a minha roseira... Ah! quantas vezes não tem ella sido orvalhada pelas minhas lagrimas!...

Isso acontecia quando por entre suas folhas verdes eu descobria algum botão. No entanto eu devêra amar os botões de rosa! mas depois que deixei de ser casta e innocente, como deve ser innocente e casto o botão da flor, amei mais as rosas abertas. Estas assemelham-se mais a mim.

Porque eu sou uma flor descorada e murcha que o vendaval de um sentimento ardente e apaixonado crestou na primeira manhã da vida.

A minha existencia é a historia de uma flor: eu vou contal-a.

§

Com as flores que, sem os cuidados de zeloso jardineiro, crescem nos ermos da servania ao capricho da aragem que a inclina, e guiadas pelo ralo de sol que mais tarde lhes hade cristar as folhas, aos quinze annos achei-me no mundo sem pai que me guiasse, sem ter um seio de mãe onde me fosse refugiar dos perigos da vida.

Por intermedio de uma camarada de infancia fui recebida como costureira em casa de uma modista, onde placidos e serenos correram-me os primeiros mezes do abandono social em que me tinha deixado a falta de meus pais.

Com o modesto lucro de um trabalho constante eu via a existencia passar descuidosa e desaperecebida. Tinha alugado este sótão, onde me recolhia á noite para dormir. Aqui, solitaria e contente, eu adormecia sem medo porque antes de deitar-me rezava por meu pai e por minha mãe. Eu era alegre; era quasi feliz!

Passaram, porém, depois de um tempo, os primeiros

ed que pela fresta da janella, que se tinha entreaberto, penetrava um limpido raio da lua.

Eu amava muito as noites de luar!

Levantei-me, abri a janella, e ali deixei-me ficar debruçada, mirando a lua tão branca, e o céu que parecia um extenso lençol de seda azul.

Não me lembro em que pensava, nem sei mesmo se o chorava... Eu me julgava tão feliz!

Tão pouco não sei o tempo que ali permaneci, porque logo depois que cheguei, comeci a ouvir o som de uma flauta, não muito longe, mas distante sufficientemente para que pudesse avaliar-lhe o encanto todo.

O que tocava não sei; mas era uma musica tão melancolica, tão suave, que a pouco e pouco senti-me enternecer, e... parece-me que chorei!...

Aulgo ainda estar ouvindo-a! Ah! sim; nunca consegui esquecer essa musica queixosa que parecia traduzir os luctos pungentes de uma alma em cujo seio se haviam despedaçado as esperanças derradeiras da existencia; era mesmo a ultima queixa de uma crença descorada e perdida que o peito arquejante soluçava morrendo...

Era já muito tarde, supponho, quando me recolhi. A flauta tinha calado as suas queixas.

Na noite seguinte não esperei que o raio da lua me viesse convidar a respirar o ar frio da noite; logo que cheguei aqui, corri para a janella. A flauta não se fez esperar muito tempo; a mesma musica, mais entoadada talvez, penetrava-me nos seios da alma; depois abou-se; e uma voz grave, porem sonora, um pouco quebrada, mas cheia de uma certa doçura e não se me desentida, substituiu aquella musica melancolica.

Finalmente, tudo voltou ao silencio; mas eu ouvia sempre, e dentro de mim repetia esse canto que tinha toda a ternura de uma canção materna e toda a religião dos canticos sagrados.

Um incidente fez-me voltar a cabeça, arrancando-me desse como que extasi em que me submergia. Tinha aberto a janella de um sótão que pouco distava do meu, e ao clarão da vela que ardia sobre uma mesa distingui um homem que parecia olhar-me. Tinha elle uma flauta na mão, o que me fez conhecer o autor das melodias que tamanha doçura entornavam-me na alma.

O moço pareceu sorprendido de ver-me, cortejou-me polidamente, e retirou-se fechando sua janella. Nessa noite não ouvi mais o som da flauta.

Mas em vez de retirar-me tambem, deixei-me ficar, pensando e perguntando-me que dor tamanha seria aquella que a esse moço inspirava tão tristes canticos. Seria verdadeiro esse soffrimento que sua flauta gemia? Era apenas uma impressão dessas que produzem as noites de luar nas almas de natureza entristecida? E depois perguntava-me ainda qual era o interesse que me podia a essas tristezas, dores sentidas no peito, ou poe-

sias de imaginação; e debalde queria varrer esses cuidados do pensamento; não podia!

Alli mesmo adormeci; e, quando pela manhã um raio de sol inundou-me o rosto, acordei sobresaltada; quiz erguer-me, mas a cabeça pesava-me, e o corpo doía-me. Reuni minhas forças e consegui caminhar até o espelho: minha face era livida, meus olhos rodeavam-se de um circulo roxeado, e meus labios pallidos estremeceram em um gemido,

Eu estava doente.

Deitei-me, e em pouco consegui dormir. Quando acordei eram tres horas da tarde; achava-me boa, mas a hora ia muito adiantada para que me apresentasse na loja. Resolvi não ir. Vesti-me, pentei-me... para que?

Tremendo abri a janella; porque tremia? E porque chorei quando encontrei na do meu visinho o seu semblante melancolico feito em mim?

Elle cortejou-me; retribui-lhe confusa, e quiz fugir; mas senti-me presa áquelle lugar, e... a noite veio encontrar-me ainda ali reclinada; e tambem na janella proxima encontrou o meu visinho.

Na seguinte manhã levantei-me cedo, mas não senti-me mais despertada pelo desejo do trabalho, por isso fiquei em casa. A mulher que me servia trouxe-me o almoço, depois o jantar, nos quaes apenas toquei. Não me sentia com necessidade de alimento.

Mas durante o dia inteiro a janella fronteira conservara-se fechada, e á noite debalde a placida mudez e o limpido luar convidavam ás seismas do coração o melancolico cantor das noites precedentes.

Sem saber porque fiquei triste; depois acreditei que o meu visinho me havia comprehendido e que fugia de mim. E porque? Eu era feia?

Pela primeira vez fui vaidosa de fronte de meu espelho: elle me dizia que eu era linda, que meus cabellos eram anellados, longos e pretos; que os meus olhos eram melancolicos, embora animados então de febril lampejo; minhas faces eram rosadas e meus labios riam fagueiros e avelludados mostrando perolas nos meus dentes esmalçados.

Ri-me da minha duvida, e depois chorei, sem saber porque chorava.

Depois lembrei-me de meu pai e de minha boa mãe, rezei as minhas orações, e adormeci.

Quando acordei na manhã seguinte achava-me mais consolada, porem triste ainda.

Reflecti que não poderia continuar a ficar em casa, e que me era necessario ir á loja. E, demais, que valia ficar? O meu visinho não tinha cessado o seu canto e a sua musica depois que me vira escutando-o? Não conservára fechada a sua janella quando sabia que eu ficára uma tarde inteira e quasi toda a noite a olhar-a? Dirigi-me, pois, para a loja; mas durante todo o dia perseguiu-me a lembrança d'elle, e conservei-me triste e sem par-

filhar das alegres conversações de minhas companheiras. À noite, quando cheguei em minha casa, ouvi de novo, e não sem contentamento (para que negar?), os sons queixosos da frauta, e desta vez mais perto e mais distinctos.

Passou-me no pensamento uma idéa de vingança. Quiz deixar de ir ouvir-o da minha janella e conservá-la fechada como elle tinha feito á sua no dia antecedente.

Quiz, mas sem saber como, sem senti-lo, abri-a e estremeci de alegria vendo o meu visinho, que calou-se apenas me viu também.

Mas porque cessou elle essa musica que eu gostava de ouvir?

Permanecemos assim silenciosos e mudos por muito tempo, até que a lua esconden-se. Era já muito tarde. Quando me deitei, estava tão contente!

Como essa noite muitas seguiram-se, até que um dia...

Era um domingo á tarde. Como de costume achavamo-nos em nossas janellas, olhando-nos e sorrindo-nos (nós nos sorriamos), depois de nos havermos singelamente cumprimentado.

A aragem começou a soprar cada vez mais forte, e tão forte que um lenço escapando-se da mão delle, veio rolando parar junto de mim. Apanhei-o, e mostrei-lhe-o.

Então elle saltando levemente para o telhado, dirigiu-se a mim, e quando o recebeu tremia, e sua voz mal podia balbuciar um agradecimento.

Quanto a mim, nem mesmo ousava responder-lhe.

Ficámos assim alguns momentos; depois elle sentou-se, talvez, eu acreditô, curvado ao peso do mesmo sentimento que lhe tremia na voz.

E não tinha medo. Sorri-me e elle rio-se também; em seguida nos fallámos, e desse dia em diante ficámos amigos.

Amigos, sim, porque embora desse dia em diante víssemos em intima união, nunca fallavamos de amor; sorriamos gostosos a felicidade com qua esse sentimento alindava a intimidade de nossas almas, aceitavamo-la como ella nos vinha, sem indagarmos de sua origem. E para que? nós nos comprehendíamos tanto...

Tres mezes passaram-se assim: quando eu chegava á noite já o encontrava esperando-me, sentado junto a minha janella. Abi ficavamos parte da noite quando havia luar; e quando as noites eram escuras elle saltava para o meu quarto, e em quanto eu me entregava ao meu serão, no trabalho que trazia da loja, elle lia romances que sabia escolher; outras vezes ajudava-me no meu serviço com graça quasi infantil, até que a hora de separarmos chegasse. Então beijava-me na fronte e retirava-se deixando-me saudosa, mas contente e feliz.

Ah! que essa felicidade era muito grande para que pudesse, sem transbordar, conter-se no coração: ou eu não tinha soffrido ainda bastante para que me fôsse dada,

gosal-a! Por isso quando senti que ella se esvahi, quando a vi desfazer-se como a nuvem dourada que o ultimo raio de sol, fugindo, muda em véo de luto nas sombras da tarde, senti que meu coração preparava-se para morrer-me no peito. Ao menos, porém, resta-me uma consolação: é a lembrança do sonho feliz que tive na vida.

V. C.

(Continua.)

Revista de theatros.

SUMMARIO: — LYRICO. Academia Vocal e Instrumental. — GYMNASIO: — Beneficio do Sr. — Militão. S. PEDRO: — Simão ou o velho cabo de esquadra.

A sala do Lyrico deu ao publico, na quinta feira, um magnifico serão artistico. Foi a *Academia vocal e instrumental*, em beneficio de Paul Julien.

La estive no posto official que me confere o cargo de chronista, e pude embeber-me, como todos, em um *mare magna* de emoções novas.

Nos camarotes se debruçavam cabeças mais ou menos elegantes, collos mais ou menos seductores. Param ali as minhas observações. Podia ficar á porta da sahida afim de apreciar mais de perto essas cousas, mas eu tenho pouco geito para escondeiro de corredor, confesso.

Não havia enchente, mas, disse-me um latinista, amigo meu, que la estava também, não se podia applicar o — *variante in gurgite vasto*.

Ao som do apito ergueu-se o panno.

Paulo Julien é um prodigio.

As cordas do violino perderam a sua qualidade physica; uma mão prodigiosa dava-lhes espiritalidade: não tocavam, fallavam!

Execução facil, valente, expressiva; prodigioso nas ligaduras, miraculoso nos *staccatos* o arco de Paulo Julien é uma das mais bellas eloquencias musicas ouvida no mundo da arte.

Nunca pensei que a lingua musical se prestasse a essas combinações admiraveis, a essa execução magnifica na expressão mais legitima do vocabulo.

Paulo Julien prende, fascina, arrasta; levanta as almas em um turbilhão de harmonias languidas ou energicas; conversa com ellas nesse estado magnetico que se não define, mas que se sente, que se abraça voluntariamente.

E' um prodigio, repito.

As difficuldades em suas mãos tornaram-se de vidro: aniquilou-as com a acção daquelle vara de condão que uns manejam tão habil. Ensurdecer o instrumento

fazer o *Spericato* com a mão esquerda, tocar em tres cordas ao mesmo tempo, esses manejos de mão delicada, feitos, com maestria e precisão.

As variações de Mayseder em uma só corda, assim como a fantasia sobre a *Filha do Regimento*, foram applaudidos com furor. Ali é que o seu talento se desenvolveu mais largo.

Não entro em mais considerações, profano como sou. De simples amator são as que expendi.

O que digo, como um fecho, é que dessas noites não temos tido muitas. O charlatanismo nos tem muitas vezes embaído, e nós pobres cidadãos inexperientes, caímos como patinhos.

O concerto não foi tão completo como o annuncio. Não esperava. Depois do violinista foram applaudidas as Sras. Medori, e De-Lagrange.

Não farei aqui paralelo sobre os talentos tão diversos dessas duas senhoras. Não sou *Vieirinha de camarim*, para insensar vaidades, e sancionar na imprensa caprichos de entidades parasitas. Aprecio a virilidade energica, mas socco do talento da Sra. Medori; assim como a facilidade melodiosa e esplendida da Sra. De Lagrange. Para aquilatar, porém, a largura desses dous talentos, será loucura negar a reputação européa desta ultima, reputação que tão alta não tem formado a Sra. Medori.

Contra esta enunciação não protestou o publico na noite de quinta feira, que a applaudo freneticamente, chamando-a por vezes á scena a despeito da *platée* que parecia ter sermão encommendado. Os lenços que se agitavam e as palmas que soavam estrepitosamente denunciavam bem alto uma adhesão franca da nossa sociedade á talentosa artista.

A Sra. Medori cantou bem a aria de Nabucodonosor. A muzica é de Verdi e por conseguinte entrava a Sra. Medori no seu genero. Todos conhecem esse pedaço magnifico em que uma mistura de ternura e energia, de paixão e denodo parece fazer fallar todas as fibras da alma. Scudo pronuncia-se contra a revolução de Verdi, eu não; acceito e applaudo-a.

A Sra De-Lagrange em sua aria foi admiravel, não são notas que aquella garganta solta, são ondas de melodia, doidas, e languidas, que estremecem, que saltam, que se curvam, e que se embehem afinal nas almas absortas e prostradas.

Desculpem o lyrismo.

Sahi deveras satisfeito do concerto.

No Gymnasio tem se dado as *Mulheres terriveis*, linda comedia de que já fallei. Foi expellido o meu juizo acerca e nada tenho a acrescentar. A Sra. Velluti continúa na mesma altura a que se elevou no seu difficiloso papel.

A Sra. de Ris e a Sra. Chitelar, são dous escolhos do salão; é difficil não tropeçar nelles.

Foi esta comedia em beneficio do Sr. Militão. Estive no concerto do Lyrico e no Gymnasio e só cheguei a vêr *Os ovos de ouro*.

E' aqui que o Sr. Militão tem um papel do seu genero, o excêntrico. E' moço de aptidão, como disse em outra parte, e com estudo e a vontade que tem, não ficará estranho aos segredos da arte. Caminhando pouco a pouco é que eu o quero vêr: custe a dar o passo embora, mas veja que o terreno esteja solido. As vocações que se educam assim são mais maduras e mais ignaes. Os saltos mortaes no tablado são perigosos, e quasi sempre fazem quebrar a cabeça e o futuro. São muito raras as reputações da vespera, e só se dão em uma certa ordem de tendencias.

O Sr. Militão sempre me achará prompto para observar-lhe os defeitos, assim como applaudir-lhe as bellezas; é esta a critica que se exerce com os germens legitimos, com as tendencias reaes.

Caminhe assim que caminha bem.

Houve em S. Pedro um drama em cinco actos, *Simão ou o velho cabo de esquadra*. Simão é um dos papéis do Sr. João Caetano, que o montou ha pouco tempo tirando grandes enchentes e grandes applausos. Todos conhecem o entrecho daquella composição, não me cansará em repetil-o aqui.

O Sr. João Caetano esteve eminente nos ultimos quatro actos. No primeiro notei-lhe maneiras e gestos menos rudes para um soldado; quereria mais exactidão na pintura da individualidade; e um cabo de esquadra ainda que tivesse saído de um salão, sempre é um soldado; o campo de batalha transforma o individuo.

Todavia o artista remontou-se no segundo acto. Aqui o contraste é de um bello effeito. A alegria, e a chufa do campo de batalha tornou-se em abatimento e tristesa. O mudo é perfeito; ha expressões, enações bem desenhadas; e a phrase accional é precisa, simples e eloquente.

O Sr. Barbosa continua nas suas exagerações; toma gestos e inflexões de voz hyperbolicos, alonga as palavras, carregando sobre ellas, tortura a lingua, a arte, e a paciencia dos pensadores que lá vão.

A Sra. Adelaide disse o seu papel com sentimento e intelligencia. E' uma artista de mercantilismo que eu desejara ver em papéis mais largos como em outro tempo.

Agora uma pergunta.

Todos conhecem o *Asno sempre é asno*. Ora, em que paiz e em que época, um pai usa de calção, cabeleira de rabicho, e chapéo a tres paucalhas, ao passo que o filho traja com um garbo de *Lion*, fraque moderno, e botina franceza? ao passo que um velho mestre de escola de oculos verdes apresenta o caracterisco mais hybrid, mais bastardo, mais furta-cor deste mundo?

Desejara a solução deste enigma.

Ao Sr. Martinho, artista de teatro comico bem pronunciado acontece uma coisa. E' sempre o mesmo; o mesmo semblante toma diversas fórmas; de maneira que o actor não entra na individualidade que representa mas esta é que se encarna no actor. E' uma grande qualidade a do caracterisco, e na expressão do povo meio caminho andado.

E' porque conheço o seu merecimento que lhe faço esta observação. Só se lavra a terra productiva; nas esteiras deixa-se crescer o matto.

E com isto, demos fim á revista. Deve estrear no Gymnasio hoje, (22) a Sra. Isabel Maria Candida, artista recentemente chegada do Rio Grande. A' hora em que me lerem esses lindos olhos, leitora, já ella terá dado o seu primeiro passo no tablado fluminense.

E' assim que o Gymnasio desempenha a sua alta missão de aperfeiçoamento artistico.

Até domingo.

M.-az.

Sonhos.

Oh! si elle m'eut aimé...
A. DE VIGNY.

Se ella soubesse por que tremo ás vezes
Como um junco nas bordas de um regato;
E áquelle olhar de uma voluptia ardente
Fecho os meus pobres olhos de insensato.

Se ella soubesse por que a mão convulsa
Sinto ao pousar em um adeus na sua;
E por que um riso de amargura e tedio
Pousa-me no calor da face nua;

Quem sabe, se piedosa, no silencio,
Em oração, á noite, me lembrara;
E por mim em seu extase querido
Uma furtiva lagrima soltara?

Quem sabe, se amorosa, pensativa,
Amadornada em langu' dos desejos,
Viria compulsar-me o livro d'alma,
E minha fronte baptisar de beijos...

E saberia então que de soluços
Os labios me entreabrem de paixão;
Que de prantos resvalam de meus olhos,
Com o orvalho de minha solidão!

Viria que este fogo de meus versos
E' a febre de amor de meus suspiros,
Onde me vai a flor da mocidade
Como flor que enlanguesce nos reiros.

Mas... são sonhos, meu Deus! estes tormentos
Irão comigo resvalar na cova;
E serão o crisol de meu espirito
Quando passar a uma existencia nova.

Sonhos de inseusatez! delirio apenas!
Crescem em alta rocha a flor querida;
Verme rasteiro tacteando os ermos
Não beberei naquelle seio—a vida!

Passarei como sombra ante os seus olhos,
Frios, sem eco—soarão meus cantos;
E aquelles olhos que eu amei, calado
Não me hão de as cinzas orvalhar com prantos!

E nos silencios de uma noite limpida,
Sobre a campa que me ha de enfim cobrir,
Da flor daquelles labios—uma resa
Como um perfume não virá cabir!

Devanear eterno! o amor de louco
Hei-de fechar-o na mudez do peito...
Vem tu, apenas, languida saudade,
Noiva dos ermos—partilhar meu leito!

Machado de Assis.

Sonhar acordado,

Nas horas do silencio abandonadas
Em que a terra caminha adormecida,
Eu gosto de rasgar ebrio de amores
As paginas phantasticas da vida.

Que lá por alta noite, suspirando
De perfumado amor entre as neblinas,
Eu gosto de colher teus doces beijos
Nas folhas de teus labios, purpurinas.

E quando no teu seio palpitante
Reclino a pobre fronte desmaiada,
Eu gosto de sentir-te enfraquecida
De amorosos enleios desbotada.

Que se os lindos cabellos que te adornam
Sobre o rosto contemplo desgrehados,
Eu gosto de te ver assim formosa
Nos carinhos de affectos desvairados.

E quando a luz da lampada celeste
Augmenta a pallidez do teu semblante,
Eu gosto de te ver embevecida
Nos deliquios de um goso delirante.

Que se as magoas sentidas que m'enlutam
Vão o resto da vida anniquilando,
Eu gosto de saber que sempre amante
Por fructos d'esta vida vivas choro e luto.

Al, languida mulher! Se no teu rosto
Vejo do céu as corallinas flores,
Eu gosto de pensar que no meu tumulo
Sepultadas serão com meus amores.

Que se as visões que a mente me arrebatam
Não mentem seus effluvios esvalando,
Eu gosto de cuidar que após da morte
Sobre o teu collo ficarei dormindo.

F. J. Bittencourt da Silva.

Preludios.

Por que em tua face angelica,
Meiga donzella formosa,
A cor purpurea da rosa
Foi gratamente pairar,
Quando outro dia eu em duvida
Junto de ti quasi a medo
Fui de minh'alma um segredo
Em segredo te fallar?

Com sorriso terno e candido,
No seio a fronte pendida,
Dizes não saber, querida,
Porque mudas-te de cor;
Pois eu sei: — mimosa, ingenua,
Tu coraste, feiticeira,
Por ser essa a vez primeira
Que ouvias fallar d'amor.

Dize agora: se os meus labios
Abrasados de desejos
Aos teus furtarem mil beijos
Hasde corar como então?...
Al, não respondes; mas, languidos,
Dizem teus olhos bregueiros
Que has-de corar... aos primeiros;
Mas aos segundos — já não...

Setembro de 1859.

J. Dantas de Sousa.

A um poeta,

Away! away!

Mazepa.

O viajor perdido ao declinar do dia
Dirige ao céu sereno o seu olhar afflicto.
Mas a coragem volta e novas forças cria
Se voz amiga ao longe responder-lhe ao grito.

Nós que somos irmãos na luta e no cansaço
Nós que ao mesmo calvario a mesma cruz levamos
Depois do aperto amigo e do fraterno abraço
Com novo ardor e vida nos dizemos — vamos!

Mova-se o passo affouto no abraçar da arêa,
A vista esperançosa alcance a fonte amada,
E o braço juvenil na escuridão tactea
Por entre as silvas bravas o signal da estrada.

Caminhar! caminhar! a terra prometida
Por traz dos alcantis talvez nos appareça.
Caminhar, caminhar! sem maldizer da vida,
— O nosso patrimonio existe na cabeça.

1859.

Cavimiro d'Abreu.

Chronica elegante.

Em todos os tempos as flores tem merecido serios cuidados não só das moças como também dos homens, sobretudo dos poetas que chegam a fazer-lhes versos e mais versos, e na força do seu enthusiasmo a compa-rar-as até com as suas namoradas.

Um conheço eu, e é meu amigo, que não pode escrever duas linhas sem ter defronte de si uma jarra com flores. Não me lembro a que poeta francez acontecia o mesmo.

As flores com effeito são os adornos mais lindos da terra. Não foi a proposito de uns cravos que já se deu uma das mais renhidas guerras?

Não são as flores os presentes mais doces que recebemos quando crianças? não é com ellas que procuramos acompanhar-nos a existencia toda, e ainda depois de mortas não são ellas que nos vem aromatizar a sepultura? As flores são tão bellas que chegam a contrastar a vida: — de manhã botão beijado sempre; á tarde — desabrochada enlevando com os seus perfumes; á noite pendida, mas ainda bella, ainda atraindo uns olhares de virgem ou guardadas no seu palpitante seio.

Quantas vezes não tem ellas servido de meio para a felicidade de dous entes que se amam? Quantas vezes não são o interprete dos nossos pensamentos e a expressão daquillo que sentimos? Ellas tem uma linguagem propria, que não está ao alcance de todos: e na sua mudez exprimem ás vezes tanto ou ainda mais do que grossos volumes e estirados discursos.

As flores são o presente mais precioso do Creador: e de tanta verdade é isto mesmo entre nós, que já não nos contentamos com as que tão prodigamente nascem a' esta fertil torráo. O genio do homem tem procurado imital-as, dando-lhes as mesma cores, as mesmas formas e até os mesmos perfumes, como a leitora sabe.

Das flores imitadas, ou antes artificiaes, tem Mme. Hagué uma perfeita collecção d'onde se podem tirar os mais lindos ramalhetez. Qualquer chapéo de senhora daquella casa, que já uma vez disse ser na rua do Ouvidor, sahe primorosamente adornado: ha alli cravos, rosas, canellias, jasmims, flores de laranjeiras enfim — tão completo sortimento como será difficil encontrar se melhor. (O que não sei) isto seja dito entre parenthesis

(é si também aquellas tem perfumes). Mas tenham ou não, são lindíssimas e merecem que a leitora vá uma noite, em passeio, vel-as.

São essas as flores que Mme. Hagué recebeu da Europa pelo ultimo paquete : não sei também si foram algumas d'ellas fabricadas pelo celebre Constantino, que em tal assumpto tem mão de mestre ; mas o que posso afirmar é que gostei d'ellas, e a leitora hade concordar comigo que não sou capaz de gostar de alguma coisa menos boa.

Entre essas flores algumas ha que servirão de lindissimo adorno para os cabellos e para o vestido ; inculcadas por que sei que a bella que me está agora lendo, gosta de usar d'esses enfeites que são realmente de um bello effeito.

Não quero com isto dizer que se colloque sobre a cabeça ou o vestido um jardim completo ; isso não, para tudo ha meas medidas : e d'mais seria ridiculo ver uma moça com o rosto todo encoberto por flores e ramagens, ou mal podendo mover-se com o peso que ellas fariam presas ao seu vestido, que n'este caso correria algum risco de precisar remendos.

Uma flor graciosamente collocada ao lado da cabeça ou no alto e meio do corpinho é d'um gosto simples, mas bastante para completar se o *toilette*.

A leitora pense e verá si não tenho razão.

Noticias á mão.

—Quinta feira teve lugar no theatro Lyrico o grande concerto vocal e instrumental, dado em beneficio do celebre artista Paulo Julien.

Joven, de um talento pouco vulgar para a musica, Paulo Julien arrancou entusiasticos applausos do publico, que maravilhava-se de ouvi-lo e de admirar-o.

Na nossa revista, dos theatros encontrarão os leitores em resumo o que no theatro Lyrico passou-se nesta noite de tão gratas emoções ; esta segunda noticia não tem por fim mais do que prestar uma nova homenagem ao eximio violinista, tornando, se é possível, ainda mais conhecida a brilhante carreira tão nobremente por elle encetada.

Na idade de 7 annos já Paulo Julien tocava no theatro de Marsella, e outras muitas cidades de França por onde viajou.

Na idade de 10 annos entrava para o Conservatorio de Paris, sendo previamente dispensado da idade: discipulo de Alard, obteve alli em poucos mezes o primeiro premio. Bann teve depois occasião de ouvi-lo e sem hesitar engajou-o para o theatro da Rainha em Londres, onde esteve por occasião da grande exposição.

Obteve os diplomas de membro honorario das philarmonicas de Londres e de Paris.

Pouco depois tendo noticia de que os artistas

eram mui bem recebidos nos Estados Unidos, partio para esse paiz, onde viajou, desde sua chegada até a morte de Mme. Sontag, em companhia desta celebre cantora que o estimava como seu artista favorito.

Obteve grandes triumphos e ovações nos Estados Unidos e na Havana, uma das cidades que mais culto prestam á musica, sendo por toda parte considerado como o primeiro que se havia ouvido. Nesta ultima capital, além de uma bella coroa de ouro que recebeu e de outras, teve uma esplendida manifestação do apreço que davam ao seu talento. Por occasião de sua partida foi acompanhado por diversas bandas de musica das mais notaveis daquella cidade, uma das quaes fazia tremular uma bandeira, em cujos lados se lia : *A Paulo Julien e Homenagem ao merito*.

Nos Estados Unidos recebeu os diplomas de membro honorario das sociedades philarmonicas de Philadelphia e Boston e do *Musical Fund* de Nova York.

Eis ali o que de curioso acerca d'esto artista temos para offerecer aos nossos leitores. Um amigo nosso ficou de dar-nos a sua biographia para ser publicada n'esta revista.

—Com o numero de hoje distribuimos aos nossos assignantes a linda polka denominada *Fascinante*, composição do Sr. Luiz José Cruvello.

—Rosa Branca ou Jornal de uma costureira é um bello artigo, cuja publicação encelamos hoje e para o qual pedimos a attenção da leitora. Não temos a satisfação de conhecer o seu autor que modestamente assigna se com as iniciais V. C.

—Hoje no theatro de S. Januario repeto-se o drama *Os peregrinos brancos*, em que tão bonita parte tomam as Sras. Deolinda e Jesuina. E' de esperar que haja hoje concorrência igual á de domingo passado, que foi numerosa.

—O Sr. Antonio José Fernandes dos Reis dará brevemente á luz um romance de sua composição intitulado *A filha da vizinha*, para o qual recebe assignaturas no escriptorio do *Correio da Tarde*.

O Sr. Fernandes dos Reis é moço de bastante merito, e estamos certo que esta sua nova publicação muito hade agradar ao nosso publico.

—Acha-se á venda em casa dos Srs. Eduardo e Henrique Laemmert uma bella e completa collecção de bustos de personagens notaveis da Europa, em todos os ramos da sciencia humana.

Entre essas copias em massa dos grandes vultos, ha algumas dos homens mais celebres dos primeiros seculos.

0 ESPELHO

POLKA FASCINANTE

Por L. J. Cruvêllo

Andantino.

Introdução.

dolce

The musical score is written for piano and bass. It begins with an introduction marked 'Andantino' and 'dolce'. The piano part features a series of chords and single notes, while the bass part has a simple rhythmic pattern. The score is divided into five systems, each with a piano and bass staff. The piano part includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like 'p' (piano) and 'cres' (crescendo). The bass part includes chords and single notes. The score concludes with a 'ral.' (rallentando) marking.

Handwritten musical score for piano, consisting of six systems of staves. The music is in G major and common time. It features a melody in the right hand and a harmonic accompaniment in the left hand. The score includes various musical notations such as notes, rests, accidentals, and dynamic markings like "All?", "Fm", "f", and "D.C.". The piece concludes with a double bar line and the initials "L.A.M."